

Interdisciplinaridade na ciência da informação: início de um diálogo

Isis Paim¹, Júlio Cesar Pinto², Maria Tereza M. Amaral³, Rosa Maria Quadros Nehmy⁴, Vera Lúcia Casa Nova⁵

Pesquisadores da UFMG, de diferentes áreas do conhecimento, que de alguma forma trabalham com a informação, reuniram-se para discutir a construção de referencial conceitual para se pensar a informação e o conhecimento na ótica da ciência da informação. Este trabalho constitui resultado parcial de pesquisa em andamento sobre o assunto.

1 Introdução

Este início de diálogo entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, que, de alguma forma trabalham com a informação, é resultado parcial da pesquisa em andamento sobre a construção de referencial conceitual para se pensar a informação e o conhecimento na ótica da ciência da informação. A busca desse referencial justifica-se pelo estado da arte no que se refere à estrutura conceitual em ciência da informação. Apesar de esforços de pesquisadores, segundo a própria opinião de autores da área, o desenvolvimento teórico da ciência da informação situa-se aquém do desejável e do necessário. A utilização de conceitos *importados* de outros domínios do conhecimento ocorre muito freqüentemente na ciência da informação. Entretanto, as apropriações são, na maioria das vezes, feitas de forma acrítica, superficial, inadequada, constituindo-se em meras extrapolações mecânicas e, muitas vezes, decorrentes de modismos passageiros. Em consequência desse fato, verificamos constantes deturpações ou distorções de conceitos (termos, noções, categorias, metáforas) originais, falta de organicidade conceitual, de consistência e de pertinência. Assim, a transposição de modelos conceituais ou de conceitos alienígenas, tomados da forma descrita, não contribui para o desenvolvimento teórico da ciência da informação e não prevê acompanhamento da evolução teórica do campo de origem dos referidos conceitos.

Os exemplos das apropriações que se seguem podem esclarecer as afirmações acima. O escrutínio que se fez nas décadas de 60 e 70 das possibilidades de aplicação de noções matemáticas originadas da teoria de Shannon e Weaver, de

¹ Professora do Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, Organizadora.

² Professor do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

³ Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG.

⁴ Professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG.

⁵ Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFMG.



1949 (YOUNG, 1971, SARACEVIC, 1970) revelou-se inócuo, infrutífero, conforme posteriormente reconheceram vários autores. De fato o modelo matemático da teoria da informação daquela época era totalmente insuficiente para análises e aplicações de realidades na ciência da informação. A tentativa de se usarem modelos fechados (matemáticos) reflete-se no trabalho de GREEN (1991)⁶. A tentativa de HOUSER e SCHRADER (1978) de transposição de conceitos kuhnianos para avaliação de currículo em ciência da informação comprometeu os resultados finais da pesquisa, totalmente inválidos do ponto de vista de Kuhn (PAIM, 1981)⁷. Por outro lado, mesmo modelos que demonstraram utilidade por muitos anos, como o uso da lógica booleana, ainda presente nos atuais processos de recuperação da informação, parecem defasados face às novas tecnologias da informação, à emergência do hipertexto e à valorização do ponto de vista do usuário (LEVY, 1993, DEVERIN e NILAN, 1986).

Certamente que nos últimos anos houve esforços que refletem a preocupação em se clarearem alguns conceitos *importados* de outras áreas do conhecimento como qualidade da informação, conhecimento nas organizações (NEHMY, 1996; JONCEW, 2000; PAIM e NHEMY, 1998; PAIM e NHEMY, 1999; PAIM, NEHMY e GUIMARÃES, 1996; PAIM e SANTOS, 2000; OLIVEIRA, 1998). São iniciativas válidas, mas ainda se situam aquém do necessário, se se pretende promover evolução real da ciência da informação.

Ainda em relação ao aporte de conceitos de outras áreas do conhecimento, a interdisciplinaridade da ciência da informação é exaltada unanimemente pelos autores como característica inerente à área, e sua prática é sempre recomendada (MACHLUP e MANSFIELD, 1983; SARACEVIC, 1996). De fato, a ciência da informação configura-se enquanto ponto convergente de várias disciplinas, tem vocação interdisciplinar e se prestaria efetivamente à sua realização. Entretanto, parece-nos que, da forma como é proposta e discutida, a interdisciplinaridade na área resume-se à prática multidisciplinar ou pluridisciplinar, na melhor das hipóteses.

Sem tentar resolver a questão do tipo de relação possível entre disciplinas, procurou-se, num primeiro momento, possibilitar o encontro entre pesquisadores para tentar, através de uma experiência concreta, entender as condições em que os diferentes saberes se distinguem ou se aproximam. Foram convidados professores de diferentes áreas de conhecimento e departamentos da UFMG para uma oficina de trabalho, com o objetivo de discutir o caminho das relações interdisciplinares, tendo como foco temas da ciência da informação. O texto que se segue reproduz o debate ocorrido na ocasião contendo comentários, várias posições sobre o encontro interdisciplinar e o papel dos participantes.

O formato da exposição procura seguir o encadeamento da conversa.

⁶ O que não se aceitou na teoria foram as apropriações matemáticas do modelo Shannon e Weaver em ciência da informação. Os autores pretendiam em sua teoria matemática da informação analisar a transferência da informação (mensagens) pelos canais físicos, do ponto de vista da engenharia, investigando problemas como: quantidade a ser transferida, distorções, clareza da informação recebida com vistas a promover melhorias. Não lhes interessavam aspectos semânticos ou de sentido da mensagem. Entretanto, "suas proposições... se demonstraram utilizáveis em outros setores que não aqueles... da engenharia... embora essa passagem fosse acompanhada... [pelo] abandono de sua rigidez matemática". (COELHO NETTO, 1980, p.121).

⁷ Os autores adotaram os conceitos de Kuhn de forma normativa, errônea, sem a devida crítica aprofundada das propostas do autor. Kuhn não pretendeu desenvolver normas ou regras para uma ciência adquirir cientificidade, como quiseram Houser e Schrader, mas procedeu, sim, a uma pesquisa sobre a evolução da ciência através dos tempos, à luz de conceitos que desenvolveu (paradigma, ciência normal, revolução dentre outros).

Problematizando a ciência da informação

IP: Os autores contemporâneos em ciência da informação têm-se preocupado com o desenvolvimento epistemológico da área, que julgam insatisfatório. Tradicionalmente, a ciência da informação tem importado conhecimento oriundo de outros campos do saber, principalmente da administração e da ciência da computação. Entretanto, como tem ocorrido a incorporação? Considerada interdisciplinar pelos teóricos, a ciência da informação, no entanto, não tem praticado a interdisciplinaridade, no sentido de não ocorrer fertilização mútua de saberes no processo de incorporação de conhecimentos de outra área. O que acontece, na prática, é uma justaposição de conceitos das diversas disciplinas. A área de administração, por exemplo, vem, recentemente, discutindo a questão do *conhecimento*, destacando a importância do conhecimento tácito (intuitivo, jeito de como fazer...). Essa abordagem tem sido adotada de forma acrítica, ingênua, sem antes se questionarem suas implicações (aliás, como tem ocorrido, tradicionalmente, na área). Considere-se que a convergência de três acontecimentos, - o fenômeno contemporâneo da informação, ou pelo menos a ênfase que se lhe atribui hoje; o avanço da tecnologia da informação; e o aumento exponencial da produção de conhecimento/informação, permeando todas as áreas -, tenha gerado um caos, com o qual, nós, cientistas da informação, não estamos ainda sabendo conviver.

JP: Estamos com uma questão – a recepção acrítica é que torna a área vulnerável. O que se percebe é que as disciplinas/áreas em geral vão-se fossilizando e se alimentam de dentro de si mesmas ou de outras áreas, sem questionamentos. E o curioso é que os novos *insights*, as novas disciplinas, os novos processos incorporados por determinada área do conhecimento vêm, geralmente, das tangências dela com outras disciplinas; e as novas disciplinas surgem justamente na terra de ninguém. Talvez seja um movimento interessante; talvez sejamos, nós, aqui, os representantes da terra de ninguém... O melhor lugar é o de fora. Todos os objetos são sujeitos de alguma forma. Estamos no meio de um processo (sujeito/objeto), apesar de estarmos olhando de fora, desterritorializados.

O distanciamento das propostas já consolidadas, que estamos tendo neste grupo, nos proporciona a capacidade de problematizar. A idéia é construir desconstruindo? Sim. Estamos adotando uma atitude acadêmica de produção do conhecimento. Mas, ao mesmo tempo, não podemos nos tornar simplistas a ponto de querer construir um conhecimento científico em uma única reunião. Assim, se a ciência da informação tem sido o lugar da absorção acrítica de conceitos, o presente grupo tem sentido e um papel a desempenhar, ou seja, desencadear e discutir idéias.

A biblioteca e a Internet

RN: Comparemos, por exemplo, a internet à biblioteca. A biblioteca, enquanto instituição, é considerada como o lugar da ordem, enquanto que, na internet, a informação está em movimento, em desordem, e as buscas são caóticas. Assim, a biblioteca pode estar perdendo seu objeto, sua razão de ser, a partir do momento em que o usuário é o responsável pela sua própria busca, pela construção do seu caminho. A função do cientista da informação será a de procurar o sentido [nos dados]. O que está acontecendo? Será que o objeto do bibliotecário está sumindo? A biblioteca e o

paradigma que sustentava a racionalidade da organização da informação estão perdendo o sentido, porque a computação tem resolvido os problemas técnicos e absorvido a racionalidade do tratamento da informação.

JP: Sim, é verdade. A computação introduziu o caos. Quando se fala em internet, fala-se na metáfora de navegação. Supõe-se sair de um lugar e chegar a outro, passando por um percurso. Mas, ao mesmo tempo, a rede é hipertextual e ela não tem um percurso, é muito mais labirinto do que navegação.

RN: É interessante a idéia da informação ligada à ordem. Mas, pergunta-se: que tipo de ordem? Ordem no caos ou ordem classificatória, como na tradição bibliotecária?

VC: Ora, no sistema informacional, a ordem da informação passa pelas duas ou até mais...

JP: Nessa linha de pensamento, no Departamento de Comunicação, por exemplo, não visamos a ordem; orientamos, na prática docente, pesquisas na internet, introduzindo condições para gerar o caos, a confusão nos alunos. Essa atividade envolve certo elemento lúdico na busca, além de atingir resultados compatíveis com a realidade contemporânea.

VC: Na área das letras estamos fazendo a mesma coisa com relação à questão da leitura.

TA: Na educação há outro movimento. Há a questão do conhecimento, ou seja, o problema da forma como se produz algum conhecimento que deve ser exatamente através do movimento de construção e desconstrução. Não há um receituário, um lugar certo, um ordenamento que não deixaria espaço para a reconstrução.

JP: A internet encaixa-se na idéia de leitura; o grande problema é a extrema formatação do texto (a linguagem html, por exemplo) que, de alguma forma, camufla a diferença entre os textos, que não fica aparente; e a ausência da diferença desmotiva a leitura.

A volta ao problema inicial: qual é o papel de cada um no grupo?

JP : Voltando ao ponto inicial da nossa discussão, qual é o nosso papel neste grupo? Será que vamos dar respostas [a todas essas questões]? Seremos catalizadores [de idéias]?

IP: Nossa pretensão é a de tentarmos desenvolver algum instrumento de análise da produção intelectual em ciência da informação e produzir [conhecimento]... Certamente não temos idéia muito clara dos resultados que pretendemos alcançar. Sabemos que precisamos desse instrumento.

VC: A solução que se pode vislumbrar seria tornar esse instrumental hipertextual, com trânsito pelos diferentes olhares.

JP: Vamos ter que nos integrar com outras áreas. A metáfora adequada [para caracterizar o instrumento] é a das intermídias e não a das multimídias. As intermídias geram resultado híbrido [que reflete trabalho integrado]. Mas o que vamos fazer? A primeira coisa que teremos que fazer será usar as nossas linguagens mesmo, discutir e tentar compor algo nesse percurso. Ocorre assim com os processos novos. Não vamos registrar a imanência das nossas linguagens, vamos registrar os nossos processos, de alguma forma.

conteúdo. Ocorre hoje a discussão sobre a questão de se considerar a informação do ponto de vista do usuário ou do ponto de vista do sistema, uma discussão estranha, com os favoráveis de um lado e os contra de outro.

JP: Como se pudessem desimbricar as coisas!

RN: Um argumento razoável a ser apresentado é o de que os projetistas dos sistemas de informação não têm habilidade de perceber o interesse do usuário. Isso é verdade. Fala-se em usuário, mas quem é ele? É um sujeito extremamente abstrato, genérico, anônimo, que se embate com o sistema, muito concreto (porque já feito). Se pelo menos usássemos o termo consumidor da informação, que é mais forte... Como há essa polarização (sistema/usuário), a relação entre os dois termos não se estabelece. Aliás, esse nem é o verdadeiro problema. Na realidade virtual, o usuário não pode ser definido *a priori*; a discussão fica mais sem sentido ainda. Há, assim, necessidade de se criarem novos conteúdos, através de vários olhares, sobre o objeto informação, sem se ficar em polêmica vazia. Devemos lembrar que a informação permeia várias áreas do saber que operam com ela. E estamos nos apropriando do conhecimento gerado em outras áreas, do ponto de vista delas.

JP: É curioso observar que todas as áreas, de alguma forma, dependem um pouco dessas pequenas generalizações, o receptor, o leitor, o aluno. Mas, de fato, precisam ser caracterizadas e isso é coisa que demora um pouco. A comunicação, por exemplo, ainda está-se conhecendo, passou por isso também; quando não sabíamos o que fazer, pedíamos emprestado. Temos que ser mais antropofágicos, no sentido de canibalizar mesmo, temos que incorporar [conceitos, idéias].

VC: Falta o [elemento] antropofágico [na geração de conhecimento] em ciência da informação. Isso tem a ver com a adoção de teorias norte-americanas.

TA: Ressalte-se [também] a riqueza deste momento. Trabalhar com conceitos em ciência da informação é um certo privilégio, [já que é] tema tão novo! A filosofia não é dona do saber [e não consegue abarcar todo o conhecimento]. Ela faz a crítica, os analíticos mergulham, mas não conseguem voltar à tona.

JP: A filosofia como área se encastelou. Semelhante situação ocorre na sociologia, com a matematização das relações sociais, tratando relação social, ou de pessoas, do ponto de vista da matemática.

TA: Concretamente, a ciência da informação adotava referencial físico, matemático, acriticamente. Ela perdeu com isso. Há que se pensar na modificação da idéia de verdade. [Deve-se] ter um conceito ideal da verdade, ou deve-se [incluir] a verdade na relatividade absoluta dos fenômenos? Aí está o desafio. Atualmente não se faz uma coisa nem outra. Seria o objetivo do grupo discutir a situação? Não se pode também ater-se totalmente ao idealismo, mas está-se tentando manter uma situação que não seja tão mutável. Será que não reside aí o ponto crucial da nossa discussão, *mutatis mutandis*? Modificou-se o polo. Na verdade, o que está palpável é o movimento. A questão de trabalharmos juntos é a idéia de problematização, de crítica, de reflexão, as *n* leituras, os múltiplos olhares... O que afirma Deleuze? O que é a filosofia? É a criadora de conceitos. Assim, a área da informação ocupa lugar privilegiado, está entre a diferença e a repetição. O importante está na diferença.

VC: Essa preocupação da ciência da informação é interessante. Ela está importando [conceitos], mas ela mesma não se dá conta, daí ficar-se na superfície.

TA: Há também a questão do saber estratégico. Se não for adotado, não há

como sair da circularidade. Assumir a idéia do movimento tem aplicação imediata. O problema está em como dar conta disso.

JP: Volto ao velho Peirce. Ele se deu conta da questão do movimento, *avant la lettre*, nesse sentido. Percebeu que os sentidos estão sempre rolando, são dinâmicos, são sempre *devires*. E faz a pergunta sobre como definir a verdade. Não há verdade com V maiúsculo. Assim, trata-se de estabelecermos algum consenso provisório sobre certas coisas. Vamos compartilhando certas verdadezinhas bem temporárias, uma forma estratégica de pensar... a verdade. O pragmatismo situa-se no terreno do meio. Certas coisas para mim são metafísicas e incognoscíveis e não vale a pena discutir. Há certas coisas que estão na ordem do dia, mas às quais não tenho acesso. Há outras que são cognoscíveis e não conhecidas e destas posso tentar saber. Além disso, temos que escapar da mera pertinência [ou idéia do conhecimento importante].

VC: Dois grandes elementos estão-se formando agora, informação e movimento. Podemos começar a pensar sobre informação, conhecimento e verdade.

RN: Se conseguirmos desconstruir essa tríade: informação - conhecimento - verdade, mostrando que se confunde conhecimento com verdade, que informação desaparece no movimento, que a informação se torna fluida, teremos avançado nas nossas discussões.

25

Considerações sobre a experiência interdisciplinar

Esse princípio de conversa mostrou a potencialidade de se juntarem diferentes saberes em torno da discussão da informação. É apenas o começo. As idéias são frutíferas, as diferenças são marcantes, mas complementares. Cada saber tenta encontrar o lugar de onde falar sobre informação. O quadro de referência de cada um é particular, construído pelo sujeito do conhecimento. Há indicações de fontes a se buscarem, mas a configuração do olhar é única. São idéias extremamente válidas, que merecem reflexão aprofundada na busca de um referencial conceitual, sem se pretender violentar a densidade do saber já construído.

Interdisciplinarity in information science: starting a dialogue

Researchers, at the Federal University of Minas Gerais, from different fields of knowledge, who deal with information, met to discuss the construction of a conceptual structure for thinking about information and knowledge from the information science perspective. This paper is a partial result of a research, which is being carried out on the subject.

Referências bibliográficas

- ARMSTRONG, S. L.; GLEITMAN, L. R.; GLEITMAN, H. What some concepts might not be. *Cognition*, v.13, p.263-308, Mar. 1983.
- BLACK, M. *Models and metaphors: studies in language and philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962. Chap. 13: Models and archetypes, p.219-243.
- CAPEK, M. *The philosophical impact of contemporary physics*. Princeton, NJ: D. Van Nostrand, 1961.
- COELHO NETTO, J. T. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- COHEN, B., MURPHY, G. L. Models of concepts. *Cognitive Science*, v.8. p.27-58, Jan./Mar. 1984.

Perspect. cienc. inf., Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 19 - 26, jan./jun.2001

- DERVIN, B., NILAN, M. Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology*, v.21, p.3-33, 1986.
- FODOR, J. A et al. Against definition. *Cognition*, v.8, p.262-367, 1980.
- GARCIA, C.; MARI, H. Estrutura conceitual e apreensão do mundo. *Kriterion*, v.69, p.165-182, jan./dez. 1976.
- GREEN, R. The profession's models of information: a cognitive linguistic analysis. *Journal of Documentation*, v.47, n.2, p.130-148, June 1991.
- HOUSER, L. J.; SCHRADER, A. M. *The search for a scientific profession: library science education in US and Canada*. Metuchen, NJ: Scarecrow, 1978.
- JONCEW, C. Qualidade da informação jornalística. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, 2000. (Dissertação, mestrado).
- KAYSER, D. *Recherche sur la philosophie et le langage*. Grenoble, 1989. Représentation du sens ou représentation des connaissances, p.228-249.
- LEVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MACHLUP, F.; MANSFIELD, U. *The study of information: interdisciplinary messages*. New York: J. Wiley, 1983. Cultural diversity in studies of information, p.3-56.
- NEHMY, R. M. Q. Leitura epistemológico-social da qualidade da informação. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1996. (Dissertação, mestrado).
- OLIVEIRA, M. de. *A investigação científica na ciência da informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq*. Brasília: UnB, 1998. (Tese, doutorado).
- OSHERSON, D. N.; SMITH, E. E. On the adequacy of prototype theory as a theory of concepts. *Cognition*, v.9, p.35-58, 1981.
- PAIM, I. A phenomenological/epistemological approach to information science curriculum design... Nashville, TN: University of Vanderbilt, 1981. (Tese, doutorado).
- PAIM, I.; NEHMY, R. M. Q. A desconstrução do conceito de "qualidade da informação". *Ciência da Informação*, Brasília, v.27, n.1, p.36-45, jan./abr. 1998.
- PAIM, I.; NEHMY, R. M. Q. Questões sobre a avaliação da informação uma abordagem inspirada em Giddens. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.3, n.2, p.81-95, fev.1999.
- PAIM, I.; NEHMY, R. M. Q.; GUIMARÃES, C. G. Problematização do conceito "qualidade" da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.111-119, jan./jun. 1996.
- PAIM, I.; SANTOS, A. de F. dos. A informação nos modelos organizacionais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.9-21, jan./jun. 2000.
- SARACEVI, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun. 1996.
- SARACEVIC, T. (Ed.). *Introduction to information science*. New York: R. R. Bowker, 1970.
- SHAFF, A. *Language and cognition*. New York: Mc Graw-Hill, 1973.
- YOUNG, J. F. *Information theory*. New York: Wiley Interscience, 1971.
- WILLER, D.; WILLER, J. *Systematic empirism: critique of a pseudoscience*. Englewood Cliff, NJ: Prentice Hall, 1973.

Recebido em 12.01.2001.